

## A ESPACIALIDADE DO SER EM SUA ESCRITA E LEITURA

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo<sup>1</sup>

### RESUMO

O debate a respeito da diferença ontológica acompanha o escopo filosófico ao longo dos séculos intermitentemente, ora voltando seu foco para a unificação do sentido do ordenamento universal (cosmos) ou para supremacia da causalidade nesta totalidade (caos). Em outros momentos discute-se a capacidade ou possibilidade de esclarecimento do ente portador da abertura ontológica, o ser humano, para a compreensão do Ser – com a sua capacidade de linguagem e comunicação como protagonista em tal processo – , pelo fato deste estar localizado na fenda onto-ontológica que lhe fornece ferramentas possíveis não só para a compreensão do mundo, mas também para sua criação, modificação, destruição ou reificação. Deste modo podemos transportar esta ala da discussão ao cerne geográfico, quando se coloca em pauta a espacialidade do Ser, tendo como ponto de partida o ser humano em escrita (geografar) do mundo e potencial leitura desta mundaneidade. No entanto, de que modo podemos transpor o escopo onto-ontológico ao âmbito geográfico, ou seja, literalmente, elencando os caminhos para o ensinamento desta escrita consciente e leitura do mundo? Estas as principais vertentes nas quais o presente ensaio irá se pautar a fim de contribuir com a discussão proposta.

**Palavras-chave:** Espacialidade, Ontologia, Leitura e Escrita.

### ABSTRACT

The discussion about the ontological difference follows the philosophical scope through the centuries intermittently, sometimes turning his focus to the unification of the sense of universal order (cosmos) or supremacy of causality in this totality (chaos). At other moments we discuss the capacity or possibility of enlightenment of owner entity of ontological opening, the human being, for the understanding of Being - with its capacity of language and communication as the protagonist in this process - the latter's location in slot onto-ontological which provides you not only possible tools for understanding the world, but also for their creation, modification, destruction or reification. Therefore we can transport this bay of the discussion at the geographical core, when it brings forth the spatiality of Being, having as starting point the human being in writing (geo-spelling) the potential reading of this world and worldliness. However, how can we transpose the ontological scope to the onto-geographical range, meaning, literally, listing the paths to teaching the reading and writing conscious of this world? These are the main aspects in which this essay will be based in order to contribute to the proposed discussion.

**Keywords:** Spaciality, Ontology, Writing and Reading.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus Rio Claro. E-mail: gcca99@gmail.com .

## INTRODUÇÃO

A distribuição dos entes e seus respectivos sentidos de existência (ser) podem ser divididos em uma tríade de elementos, o orgânico, o inorgânico e o social, sendo que no terceiro caso encontramos o homem, com sua capacidade de linguagem e conseqüentemente de expressão dos sentidos das coisas ao seu redor, pois há na humanidade a manifestação singular da natureza compreendendo a si mesma, na *leitura* da totalidade espaço-temporal dos fenômenos e fatos da realidade objetiva.

Neste sentido a Geografia, ou melhor, o pensamento geográfico é uma dentre muitas linguagens de decodificação da complexidade dos fenômenos sociais e naturais presentes na totalidade-mundo. Neste sentido, o *geo-grafar* é o exercício de construção dialética da expressão espacial da existência humana ao longo do tempo, em diferentes formas de representação deste existir, que, ganha uma notoriedade muito maior, a partir do momento em que o registro destas *grafias* perpassam e se sobrepõem-se para a formação dos quadros representativos dos diferentes indivíduos e sociedades.

Dentro do constructo destas premissas analíticas o presente texto será dividido em três momentos de reflexão, a saber: a ideia de ser no mundo e seus desdobramentos; a importância das diversas *grafias* efetuadas pelo ser humano em relação ao meio em que vive, produz e transforma; e por fim, o processo de *leitura* do mundo através da linguagem geográfica de interpretação e compreensão dos elementos que compõem a natureza material e imaterial da totalidade.

## O SER NO (DO) MUNDO E SUA ESPACIALIDADE

O mundo é. Essa é a premissa apriorística da chancela de existência da totalidade concreta e abstrata, pois se assim não fosse teríamos a negação do mundo, o seu não-ser. E este nada, em não sendo impossibilita sequer a compreensão ou questionamento de sua natureza<sup>2</sup>. Por esta razão, o ser do mundo só é dado a partir do momento que um ente possa

---

<sup>2</sup> Sobre o nada, ou a ideia de vazio o geógrafo Armando Correa da Silva tem a seguinte teorização: “Teoricamente, o vazio é o nada, que a praticidade do universo identifica como uma forma do real existir. O nada pode ser pensado como o não-ser. O não-ser possui uma espacialidade relacional: os vazios são múltiplos.” (SILVA, 2000, p. 8), pois assim como diz o autor, o nada em sendo uma enunciação linguística se configura antes como um exercício teórico, de ideação do que uma constatação de fato de um ente cuja essência é o não-ser.

nomear esta essência mundana, e, neste ponto se coloca o ser humano como responsável por esta condição privilegiada.

Deste modo, todo ente possui o seu respectivo ser, sua essência, acordada com uma específica natureza de existência, funcionalidade e particularidades, conforme elucubra Martins (2007): “Todo ser é ser de um ente, e é esse ser que determina o que ele é. O ente é o que é em função de seu ser, tornando-se uma Entidade. O ser é condicionante, e o ente o condicionado.”, esta condição relacional é o que dá a lógica que define o núcleo de singularização de todos os elementos do universo, da escala micro à macro, inserida na condição primeira de seu existir: “[...] o ente e seu ser são determinados em sua essência definidora a partir da sua existência.” (MARTINS, 2007, p. 34).

Os estudos filosóficos, mais restritamente os de teor fenomenológico, ao longo das últimas décadas se voltaram para o ente de diferenciação nesta lógica relacional (o definidor e o definido), com capacidade de se colocar na divisa entre os planos ôntico e ontológico (a imanência e transcendência, respectivamente), que é o homem, no exercício do uso, expansão e desenvolvimento de sua capacidade de comunicabilidade linguística na história da humanidade. Esta condição especialidade do humano é “localizada” onticamente no lugar de existência material do ser humano, sua corporeidade fática e também a projeção de seu estado limitadamente terreno aos mais auspícios voos reflexivos sobre si e o mundo.

Projeção esta que é o sentido deste ente diferenciado, se caracterizando por sua condição de elo e ponte na diferença ontológica<sup>3</sup>, na compreensão da essência da totalidade, o Ser – etimologicamente o ser, com “s” minúsculo é utilizado para todo e qualquer ente em particular e sua essência, já o uso do termo Ser com “S” maiúsculo trata da ideação maior, do significado, ou essência, da totalidade em si –. E é sobre esta “localização” privilegiada do homem como ente diferencial e diferenciador, que Heidegger (1969; 2008) responsável pela exploração máxima da temática envolvendo a diferença ontológica disserta sobre a esta *espacialidade* do ser presente em cada um de nós, seres humanos:

*O espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço. Ao contrário, o espaço está no mundo à medida que o ser-no-mundo constitutivo da presença já sempre descobriu um espaço. O espaço não encontra no sujeito nem o sujeito considera o mundo “como se” estivesse num espaço. É o “sujeito”, entendido ontologicamente, a presença, que é espacial, o espaço se apresenta como a priori. (HEIDEGGER, 2008, p. 166 – grifos do autor).*

---

<sup>3</sup> Este termo é utilizado no debate sobre o limiar entre os entes e suas essências (o ser), ou seja, o fosso inatingível entre o plano ôntico e ontológico, e de que maneira e qual o impacto do ser humano, enquanto ente de articulação desta dualidade de existência presente e inerente ao Ser, à totalidade.

Esta é, por assim dizer, a chave da discussão a respeito do papel do ser humano dentro da questão, discussão e talvez resolução da diferença ontológica. O apriorístico levantado pelo autor trata em suma da situação paradoxal que a reflexão a respeito da auto-inquirição humana possui, já que é a partir desta condição, e não de qualquer outra similar ou equivalente, que a especificidade do patamar de pensamento atingido pela espécie a qual pertencemos assume seu posicionamento inigualável de fazer as *grandes perguntas* do existir, ora respondidas mitologicamente, ora racionalmente, e que nos perseguem como dádiva e fardo ao longo de séculos por meio de teorias, estórias, aprendizados e esquecimentos. Portanto, a espacialidade do ser é justamente sua localização em um ente específico, o *Homem*. E esta condição altera drasticamente em máxima e mínima escala a abrangência do Ser, que, ao nosso alcance física e abstratamente, se torna passível de ser pensado e por algumas ou muitas vezes transformado por nossas ações e decisões.

E ainda em seu *Ser e Tempo* (2008) Heidegger dedica longas reflexões acerca do espaço e da espacialidade na constituição do sentido do ser humano no mundo, em seu ser-aí (*Dasein* = *Da*, aí, *Sein*, Ser), como a expressão espacial do próprio Ser por meio do ente que enuncia a essência Oláde si e do mundo. Nesta obra, que é considerada a mais importante e imponente dos estudos do filósofo alemão, a espacialidade ganha o significado da compreensão das modulações do ser-no-mundo, que são as diferentes maneiras pelas quais a mundaneidade é representada individualmente (e também coletivamente, embora esta segunda condição tenha sido explorada mais pelos discípulos do autor) pelo ser humano:

No fenômeno do espaço, não se pode encontrar nem a única e nem a determinação ontológica primordial do ser dos entes intramundanos. Tampouco ele constitui o fenômeno do mundo. O espaço só pode ser concebido recorrendo-se ao mundo. Não se tem acesso ao espaço, de modo exclusivo ou primordial, através da desmundanização do mundo circundante. A espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo e isso de tal maneira que o próprio espaço se mostra *também* um constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença, no que respeita à sua constituição fundamental de ser-no-mundo. (HEIDEGGER, 2008, p. 168 – grifos do autor).

E numa outra passagem de sua obra, o filósofo – já com o uso contemporâneo da tradução de *Dasein*, para “presença” – alça a um ponto superior a relatividade escalar sobre a espacialidade do ser-aí, sendo no mundo em sua multiplicidade, que na sua terminologia é simplificado pelo uso do “em”, o *ser-em*<sup>4</sup>, aproximando muito de outra teorização filosófica

---

<sup>4</sup> Sobre o ser-em, o em como ponte para a infinita possibilidade de expressões do Ser nos entes Lilian Canário (2005) diz que: “O em parece querer dar conta mais intensamente, i.e, mais originariamente, do momento da estrutura ser-no-mundo onde pre-sença e mundo são um mesmo acontecimento. Não que isso já não esteja

de grande impacto na Germânia no século XIX, que são as *vontades* e as *representações* schopenhauerianas<sup>5</sup>. Por ora observemos as colocações de Heidegger a respeito da passibilidade de localização das modulações do Ser mundano pelo homem:

Ao atribuímos espacialidade à *presença*, temos evidentemente de conceber este “ser-no-espaço” a partir de seu modo de ser. Em sua essência, a espacialidade da presença não é um ser simplesmente dado e por isso não pode significar ocorrer em alguma posição do “espaço cósmico” e nem estar à mão em um lugar. Ambos são modos de ser de entes que vêm ao encontro dentro do mundo. A presença, no entanto, está e é “no” mundo, no sentido de lidar familiarmente na ocupação com os entes que vêm ao encontro dentro do mundo. Por isso, se, de algum modo, a espacialidade lhe convém, isto só é possível com base nesse ser-em. (HEIDEGGER, 2008, p. 158 – grifos do autor).

O *ser-em* citado pelo autor diz respeito às modulações possíveis de advir da relação sujeito cognoscente com o ambiente vivido, gerando uma infinidade de representações deste *ser-no-mundo*, que é ao mesmo tempo ser no espaço e tempo a partir tanto da sua racionalidade como irracionalidade, geradoras do sentido do Ser. Assim, pode-se inferir que o ponto de ligação entre a ideia de *ser* e *mundo* de Heidegger com a *vontade* a *representação* de Schopenhauer é possível por conta da forma incisiva como os autores tratam da importância do sujeito em relação ao mundo, pois: “Aquele que tudo conhece, mas não é conhecido por ninguém é o SUJEITO. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece, de todo objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito.” (SHOPENHAUER, 2005, p. 45). O elo, que é dado pela fenomenologia heideggeriana pelo “em” é tido para Schopenhauer (2005) como a vontade, ou seja, a exalação das singularidades de significância da realidade objetiva, expressas por diferentes formas de representações: “[...] tal verdade, que tem de ser deveras séria e grave para cada

---

presente nos outros dois momentos; pre-sença e mundo também estão dizendo essa unidade ser-no-mundo. Mesmo que nos modos mais tardios em que podem ser tomados como sujeito e objeto, a estrutura ser-no-mundo dá o seu aceno. Todavia há uma peculiaridade do ser-em que é o seu caráter de entre, do que talvez se possa dizer, na linguagem do Heidegger pós Ser e Tempo, de um risco, de um rasgo, de um acontecimento. O em aponta para a intricabilidade de pre-sença e mundo no sentido de habitação. A noção de ser-em quer evidenciar que a pre-sença reside no mundo, habita-o, mas não apenas no sentido de preencher um “espaço”. A pre-sença é o próprio espaço, o entre. Mas falar de “entre” ainda pode soar como o que resulta de dois entes simplesmente dados. Há que se evitar a fragmentação do em ao conceber esse entre, pois ele diz respeito exatamente a uma unidade, uma simultaneidade, uma afinação de pre-sença e mundo.” (CANARIO, 2005, p. 54).

<sup>5</sup> “Verdade alguma é, portanto, mais certa, mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro, é tão somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação. Naturalmente isso vale tanto para o presente quanto para o passado e o futuro, tanto para o próximo quanto para o distante, pois é aplicável até mesmo ao tempo, bem como ao espaço, unicamente nos quais tudo se diferencia. Tudo o que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este. O mundo é representação.” (SHOPENHAUER, 2005, p. 43-44).

um, quando não terrível, e que cada um justamente pode e tem de dizer, soa: ‘O mundo é minha vontade’.” (SHOPENHAUER, 2005, p. 45).

Portanto, o ser-em ou as representações sintetizam de forma mais direta a profundidade excepcional do ser humano no mundo, devido à já citada espacialidade do Ser, manifesta em seu próprio ser enquanto ente diferenciado na totalidade. E sobre esta relação entre a mente, as ações, o mundo e o fator existencial humano há as colocações de Armando C. da Silva (2008) que tratam com exímia acurácia sobre esta temática. Para o autor, ao utilizarmos o termo “espacialidade” modulamos a infinidade de possíveis significâncias do mundo pelo homem, retomando a esfera da sociabilidade que diferencia o ente humano do restante ao seu redor:

[...] pensar o espaço defronta-se com a espacialidade, da qual tudo o que se disse é aparência. Mas, a espacialidade não é apenas dos objetos. Há o espaço do corpo e seus prolongamentos. Há também o espaço da mente. Como o tempo e o movimento, o espaço é fundante do existir, e, portanto, do pensar. Sendo assim, ele é algo físico, uma ‘coisa’, e é algo social, algo criado pelo trabalho. O primeiro, precede a existência humana; o segundo, nasce da valorização do natural como fonte de vida. Mas, essa constatação é resultado, desde logo, do pensar o espaço. Pensá-lo como dado e pensá-lo como artefato que a mente projeta. (SILVA, 2000, p. 18 – grifos do autor).

O sujeito (histórico, individual e coletivo) dá ao mundo a sua especialidade significativa, o seu ser, nomeando e dando sentido às coisas que o compõe. Esta dualidade entre aquele que compreende o Ser com o mundo e suas representações a serem interpretadas, é detentora da mais inquebrantável situação de compreensibilidade, por se localizar no limite entre a diferença ontológica, como já referida, na infindável quantidade de manifestações deste mundo pelo olhar, ação e relação com o sujeito. O *Dasein* é a exteriorização do Ser pela espacialidade do ser humano em sua abertura existencial, que no seu posto singular dá a possibilidade de dinâmica entre estas extremidades, o sujeito e o objeto, em uma diegese múltipla nas representações decorrentes deste processo:

O mundo é com efeito um existencial, ele é da ordem de um projeto do Dasein, aberto para a compreensão de si do Dasein. Porém, além disso, essa abertura é de fato a condição de possibilidade do ser-ao-alcance-da-mão, e do ser-à-mão, mesmo que neste último haja o corte de uma relação viva com o mundo. O mundo é portanto, nesse sentido, como horizonte, mais exterior que qualquer objeto ‘exterior’, ele é a própria transcendência. As categorias de ‘interioridade’ e de ‘exterioridade’ são aqui simplesmente deixadas de lado. Caso se prefira, o mundo é a própria condição de possibilidade da relação sujeito-objeto, ou, melhor, o ser-no-mundo é a condição de possibilidade da intencionalidade da ‘consciência’. Em todo caso, o mundo não é nada, nada de ente – para além do ente, aberto, ele é no entanto sua condição de possibilidade, a condição fenomenalizante. Este para além

possibilitador pode ser nomeado: transcendência. O mundo é transcendente. E o transcendente por excelência é o Dasein como o que abre o mundo em projeto, transcendente na medida em que se atém e sustém essa abertura [...]. O ser-no-mundo é a própria estrutura da transcendência (do Dasein). Por ser junto às coisas, o Dasein deve estar ‘para além delas’, na abertura do mundo. (DUBOIS, 2004, p. 30-31).

Desta maneira, no âmbito categorial do espaço e das espacialidades, estas entendidas como *Dasein*, o ser humano exerce sua capacidade de comunicação da essência do mundo com sua própria significância de existir enquanto ente diferenciado<sup>6</sup>. A espacialidade na arguição fenomenológica do *Ser-aí* – este último sendo no mundo pelo ente que compreende, o homem –, ultrapassa a dimensionalidade fechada, daí a abertura mencionada por Dubois (2004). Para Heidegger (2008) o espaço está para além das dimensões, alcançando a expressão do sentido da existência do ser humano em suas atribuições de significância para as representações do mundo: “A descoberta do espaço puramente abstrato, destituído de circunvisão, neutraliza as regiões do mundo circundante, transformando-as em puras dimensões” (HEIDEGGER, 2008, p. 161-162). Não há geometricidade mensurável na instância do espaço compreendido ontologicamente, como expresso na fonte teórica da fenomenologia alemã, ou nos desdobramentos destes estudos em outras ciências, conceitos e categorias, como o próprio espaço qualitativamente:

Se, num sentido ainda a determinar, o espaço constitui o mundo, tal terá como consequência que as coisas que aí se encontram terão igualmente um carácter especial. Assim, encontramos junto a nós o ente-à-mão. Mas esta proximidade não é unicamente de ordem espacial, ela releva igualmente da preocupação do Dasein que se orienta na direção em que o ente utilizável deve ser procurado. Trata-se dum espaço de ordem qualitativa, não geométrica: espaço feito de direções não de dimensões, de lugares não de pontos. Nele determinam-se caminhos, não se medem distâncias. Em suma, a sua topografia releva exclusiva da preocupação. Estas determinações espaciais, tal como acabam de ser descritas, exprimem o aspecto dinâmico da existência. A existência é um deslocamento, um desalojamento. O ser do Dasein ek-siste, ele sai permanentemente de si para se encontrar num mundo que se abre à sua passagem e lhe fornece os instrumentos duma estadia precária. (PASQUA, 1993, p. 59-60).

Por isto há a uma dualidade formada pelo lugar e a linguagem, ou melhor, as diferentes expressões e representações da mundaneidade do Ser pelo homem. Esta junção possibilita a significação do mundo pelo homem, advindo outra nomenclatura sinonímica à

---

<sup>6</sup> Lígia Pádua (2005) em sua argumentação sobre a espacialidade do *Dasein* reitera a locabilidade do ser: “*Dasein* significa, portanto, o existir em cada caso particular, no *aí*, no ‘estar sendo’ de cada um. Assim, o existir fático determina um modo de compreensão da existência que já se dá no interior e a partir de si mesma, de tal forma que esta nunca pode ser contemplada ‘de fora’, como um objeto perante um sujeito. Somente o *Dasein* – efetivo e em cada caso – compreende sua existência (*Existenz*)” (PÁDUA, 2005, p. 10 – grifos da autora).

ideia de visão de mundo, também entendida neste caso como diferentes possibilidades topológicas de efusão do Ser, de modulações do *Dasein*: “A vinculação entre lugar e linguagem – ou entre *topos* e *logos* – é inerente à própria palavra ‘topologia’, mas tomar aqui espaço e lugar como sinônimos seria incorrer num grave engano.” (PADUA, 2005. p. 3).

Neste ponto é possível encontrarmos a maneira pela qual ocorre a conexão imanente/transcendente do espaço, em sua especificidade dos múltiplos “em” no mundo, que são aprofundados ontologicamente como, por exemplo, na ciência geográfica, que procura compreender as *grafias* da totalidade efetuadas direta e indiretamente pela capacidade do pensamento, linguagem, técnica e comunicação do homem. Sendo que a espacialidade do Ser, na abertura do ente cognoscitivo que é o ser humano perante a floresta onto-ontológica que o cerca a elevação do sujeito em uma condição privilegiada de expressões do Ser, nas essências entrelaçadas dos diferentes entes da mundaneidade que o cercam e afetam, direta e indiretamente. A nós está disposto, por via existencial da espacialidade que nos define, a abertura do Ser pela presença de sua essência na linguagem que codificamos ou deciframos o claro e escuro<sup>7</sup> do mundo na dialética da diferença ontológica, da qual habitamos o limiar no caminho da verdade (*ἀλήθεια*) desvelada:

Do mesmo modo que a *ἀλήθεια* conduz o *Da-sein* ao Mistério, colocando-o em um privilegiado lugar de escuta, também a fala originária exige a superação da cotidianidade. No caminho da linguagem, peregrinos, dirigimo-nos à *familiaridade da proximidade essencial... com a promessa de caminharmos visando ao caminho da própria linguagem em cujo ser nós sempre já somos ou habitamos, e onde também o caminho da linguagem tem seu sítio.* (GMEINER, 1998, p. 102 – grifos da autora).

Esta “linguagem” aludida pela autora diz respeito a uma maleabilidade maior da etimologia da palavra, ou seja, estrutura em sua significação a *marca* do *Dasein* deixada no mundo ao longo do tempo nos lugares, os sítios mencionados por Gmeiner (1998), a expressão espacial do Ser em sendo situacional. Estas *marcas* possuem em si uma maneira específica de demonstrar uma miríade de significados e significantes, como as representações de Schopenhauer (2005), ou as inúmeras modulações do *ser-em* de Heidegger. E, em cada

---

<sup>7</sup> Karel Kosik (1976) defenderá a postura dialética como alternativa r a ser utilizada neste processo de desvelamento do real, pois segundo o autor: O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças a seu contrário. A essência não dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta no fenômeno. O fato de se manifestar no fenômeno revela seu movimento e demonstra que a essência não inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno. (KOSIK, 1976, p. 11).

detalhe da totalidade afetada, transformada, e pensada pelo homem haverá inevitavelmente uma forma de expressão desta afetação existencial, no tempo e no espaço, expressando o sentido elevado do termo linguagem de Gmeiner (1998), pois no íterim destes elementos é possível dissecar o elo do humano com o que a autora denomina “Mistério”, que nada mais é do que o elo de passagem entre o ente humano com o Ser, de um sujeito que em si possui a singular e máxima habilidade de se conectar, comunicar, representar e interpretar o mundo, pois este é o seu ser, sua essência expressa pela comunicabilidade linguística na dimensão espaço-temporal que ocupa e compõe.

E em sendo o mundo um mosaico de representações do sujeito, as *grafias* estabelecidas histórica e geograficamente estão assim à disposição do ente privilegiado que é homem em sua *leitura*, compreensão, interpretação e ação no mundo. Esta é a passagem que se deve admitir e ter como ponto de partida para enlace da discussão existencial do espaço em sua importância e caráter inerente na constituição da diferença ontológica e a posição do *Dasein* neste processo:

O *Dasein* projeta enquanto compreensão seu Ser de possibilidades. Através do seu próprio revés, esse ser para possibilidades compreendente é ele mesmo, enquanto aberto no *Dasein*, um poder-ser. O projetar da compreensão tem a possibilidade própria de formar-se. Nós nomeamos interpretação (*Auslegung*) a formação da compreensão. Nela, a compreensão se apropria (*eignet*) do seu compreendente compreendido. Na interpretação, a compreensão não se torna algo outro, mas ela mesma. Interpretação se funda existencialmente na compreensão e não nasce aquela desta. A interpretação não é o ato provido do conhecimento do compreendido, mas a elaboração das possibilidades projetadas na compreensão. (HEIDEGGER, 1969, p. 148).

Com estas considerações é possível encontrar o papel da Geografia nesta premissa do Ser-no-mundo, pois as *grafias* que o ser humano engendrou no passado, e que ainda constrói no presente formam a infinidade de representações da totalidade intangível. O que se *escreve* também inerentemente poderá ser *lido* e compreendido, e este é o passo a ser dado pelo conhecimento geográfico, a partir das *marcas* espaciais distribuídas ao longo da historicidade e geograficidade do ser do homem enquanto ente possuidor do privilégio de *leitura* destas *escritas* em suas complexidades e particularidades.

## **A GRAFIA DO TODO INTANGÍVEL**

O canto da totalidade é bradado fortemente na Geografia, pelo menos desde sua oficialização científica por diferentes representantes do seu escopo<sup>8</sup>. Entre o fardo e o regalo de serem os arautos da síntese, aos geógrafos coube manejar com esta complexa situação prática e teórica: o alcance do todo, o inatingível. E, ao longo dos anos, com tamanha magnitude de responsabilidade houve a afetação direta desta condição nas principais discussões das correntes geográficas, do possibilismo ao humanismo e neopositivismo, por vezes gerando disputas categoriais e conceituais em prol da defesa de se ter alcançado o amálgama da junção secular entre o sujeito e o objeto, a sociedade e natureza, enfim, “a totalidade do todo”, o próprio Ser.

A Geografia está desta maneira, fadada a um limiar dual que é estabelecido a partir do momento que este saber é idealizado, pois, o seu arcabouço teórico, suas reflexões e seu procedimental metodológico se encontram na fresta deixada pela filosofia, por meio do rastro da incapacidade de se equalizar o todo em detrimento da parte, ou o contrário na relação entre o singular e o universal. Não surpreende, com esta verificação, a situação histórica e constante do pensar e fazer Geografia como um pomo pendular, ora inclinado para um ou para outro lado de sua essência dualística, singular, criativa e destrutiva do essencialismo ao relativismo. O seu eterno devir.

A realidade é o dado ilimitado que se põe à frente do indivíduo pensante. Por esta razão organizamos métodos, fórmulas, cálculos, especulações e explanações que, de alguma maneira, pretendem cada qual a seu modo elucidar a natureza dos fenômenos que compõem os eventos do mundo por meio dos recortes fáticos de cada especificidade analisada, assim como o faz a Biologia, a Física, a Matemática, as Ciências Sociais, a História e a Filosofia. O diferencial do pensamento geográfico é tentar, a um só tempo, unificar a dicotomia elementar da essência do homem, em seu status ôntico diferenciado com a totalidade que o rodeia, numa dialética relacional inefável.

A totalidade não é um anseio de privilégio apenas da Geografia, pois os arautos da síntese surgiram e ainda aparecem em outros ramos do saber, na Filosofia e no senso comum,

---

<sup>8</sup> Sobre esta questão da totalidade no hoje e ontem, podemos citar o geógrafo Milton Santos (1996, p. 115) diz que: “A noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade”. E ainda sobre a mesma temática, em um momento progresso do pensamento geográfico, há a lei universal e cósmica da organização da totalidade em Humboldt: “L’existence du lien commun qui enlace tout l’univers, et le gouvernement des lois éternelles de la nature” (HUMBOLDT, 1856, p. 2). E o próprio autor complementa que “No se trata en este ensayo de reducir el conjunto de los fenómenos sensibles á un pequeño número de principios abstractos, sin mas base que la razon pura. La física del mundo que yo intento esponer, no tiene a pretension de elevarse á las peligrosas abstracciones de una ciencia meramente racional de la naturaleza; es una ‘geografía física’ reunida á la descripción de los espacios celestes y de los cuerpos que llenan esos espacios.” (HUMBOLDT, 1874, p. 29).

por exemplo. O diferencial geográfico desta ambição é o ato de assumir ter em mãos os lados daquilo que gera a própria crise de existência do ser humano, que é sua relação com o que está fora de si. Na expressão germânica *Dasein*, o *ser-aí*, modulado como *ser-no-mundo* permite compreender a complexidade deste posicionamento do conhecimento geográfico, pois coloca como objeto de estudo a fenda entre o sujeito e o objeto, a vontade e a representação, a sociedade e a natureza, e, mais que isto, procura dar um ponto lógico de esclarecimento que defina tal dualidade em sua unicidade, uma tarefa que se mostrou hercúlea do momento de sua ideação até os dias atuais. Sobre esta condição infinita da totalidade, neste caso em sua faceta temporal, Straforini (2002) faz as seguintes considerações:

A totalização seria a flecha do tempo e a ponta da flecha seria a totalidade. Se o corpo da flecha for entendido como uma reta (o que não significa linearidade), então, temos nele uma infinidade de pontos, isto é, realidades, ou ainda, totalidades de cada instante e/ou período. Cada ponto desses já foi, um dia, a ponta da flecha, isto é, a totalidade. Nesse sentido a totalidade A totalização seria a flecha do tempo e a ponta da flecha seria a totalidade. Se o corpo da flecha for entendido como uma reta (o que não significa linearidade), então, temos nele uma infinidade de pontos, isto é, realidades, ou ainda, totalidades de cada instante e/ou período. Cada ponto desses já foi, um dia, a ponta da flecha, isto é, a totalidade. Nesse sentido a totalidade sempre necessita dos pontos anteriores para incorporá-los e renová-los. Na verdade, cada totalidade dá as condições para a totalidade seguinte. Mas é possível abarcar a totalidade analiticamente na sua plenitude? É possível estudar o todo pelo todo? Ou ainda, a totalidade existe enquanto concretude de forma que não seja a ideia do planeta Terra? Mas a Terra apenas enquanto corpo físico não nos interessa, mas sim ela e mais aquilo que lhe preenche de vida e sentido: a sociedade. (STRAFORINI, 2002, p. 99-100).

E apesar do autor dar a ênfase ao tempo em seu argumento da totalidade, podemos facilmente transpor este vetor do Ser para o seu complemento categorial o espaço, na junção e indivisível relação espaço-tempo. Os “pontos” mencionados pelo autor são os já citados *ser-em* do *ser-aí* (os sítios de expressão existencial do *Dasein*) que é o próprio ser humano em sua atividade existencial na mundaneidade do Ser. Em outras palavras, cada ponto destes mencionados pelo autor, cada individualidade conectada com a totalidade é uma *grafia*, a *marca* da existência deixada no tecido espaço-temporal. Neste sentido, o entendimento para além do significado etimológico do *geo-grafar* é a questão deste exercício de busca, no espaço e no tempo, pela essência da existência do *Dasein* em si, que é intangível apesar do exercício contínuo do homem na abstração de parcelamento da realidade, como sugeria o paradoxo de Zenão na Grécia antiga<sup>9</sup>. Ruy Moreira (2004) explora esta profundidade da

<sup>9</sup> Em resumo podemos sintetizar este paradoxo clássico da filosofia pré-socrática na categoria de indivisibilidade de qualquer ente, pois a cada nova parcela erigida para análise outras particularidades surgirão em detrimento da primeira, de igual maneira este princípio se aplica ao reverso deste raciocínio, quando se volta à atenção ao ato e

relação do ser humano com o seu espaço como síntese da diferença ontológica (imanência/transcendência), na modulação de um termo específico a geograficidade, que é um uso mais singular e referenciado da espacialidade do Ser no *Dasein*, recorrente em diferentes linhas do pensamento geográfico. Sendo esta a singularidade da existência a própria expressão do Ser em cada modo de ser, estilo de vida singular na totalidade mundana:

A geograficidade é a existência em sua expressão espacial. O ponto Ôntico-ontológico de tradução do metabolismo homem-meio no metabolismo homem-espaço. [...] A geograficidade é o modo de expressão dessa essência metabólica - a hominização do homem pelo homem através do trabalho - em formas espaciais concretas de existência, algo que difere nos diferentes recortes de território da superfície terrestre. É o ser em sua totalidade geográfica concreta. Cada ente desse espaço é uma particularidade, no sentido triádico da dialética marxista. E a geograficidade é em si a síntese da relação entre a essência e a existência e assim a própria totalidade concreta do ser. Daí que a espacialidade diferencial do existente é o próprio modo como se organiza a geograficidade. (MOREIRA, p. 2004, p. 34).

Deste modo a *grafia* do mundo se constitui como a marca deixada na extensão, na duração e na totalidade das diversas manifestações do existir humano no mundo. Sem estas impressões da vida no meio e, também sem se prender ingenuamente ao argumento determinista do ambiente no cotidiano, é que se dá o tom da riqueza e especificidade das faces de interpretação (*leituras*) destes modos de existir, as partes do todo apresentadas e representadas, esquecidas ou eternizadas no estrato do concreto e abstrato da história<sup>10</sup>.

Muitos autores da Geografia exploraram a necessidade de se contar com a interferência do espaço na própria constituição da essência do ser do humano. Este é um dos

---

pensado de totalização, na geração de novas cosmologias e teorias gerais de explicação dos fenômenos e fatos do Ser, na mão dupla entre a análise e a síntese, na dialética da tese, antítese e síntese, sempre haverá o infinito na direção que se escolhe seguir (SANTOS, M, F. 1957).

<sup>10</sup> Sobre este argumento há esta brilhante passagem de Humboldt: “Se o sentimento da natureza, cuja vivacidade varia em todas as raças, se a fisionomia das regiões habitadas pelos diversos povos, ou que eles têm atravessado nas suas emigrações de outro tempo, vem enriquecendo mais ou menos as línguas com expressões pitorescas, próprias para caracterizar as formas das montanhas, o estado da vegetação, o aspecto da atmosfera, o contorno e agrupamento das nuvens, por outro lado o prolongado uso e os caprichos literários têm desviado grande número dessas expressões do seu primitivo significado. Pouco a pouco se vai tornando costume considerar como sinônimos termos que deveriam conservar sentido distinto, as línguas perdem um tanto d graça e energia com auxílio das quais reproduziam, na descrição da natureza, o caráter peculiar às paisagens. Para mostrar preferentemente quanto contribuem para a riqueza das línguas o convívio [íntimo com a natureza e as necessidades da vida nômade, recordarei o infinito número de palavras características com que nas línguas árabe e persa, se distinguem as planícies, as estepes e os desertos, conforme o solo está completamente nu ou coberto de areia, erizado de rochas e entrecortado por penedias, ou apresenta vastos espaços uniformemente adornados de plantas sociais. São igualmente quase surpreendentes os numerosos vocábulos que, nos antigos idiomas castelhanos, pintavam a fisionomia das massas de montanhas e em particular as formas que se reproduzem em todas as regiões e revelam a natureza dos rochedos a distância considerável. [...] Tudo quando tende a reproduzir a verdade da natureza, dá nova vida à linguagem, quer se trate de descrever a impressão sensível produzida em nós pelo mundo exterior, quer os nossos sentimentos íntimos e as profundidades em que se agita o nosso pensamento. “(HUMBOLDT, 1952a, p. 259-260 – grifo meu).

posicionamentos de Martins (2007), que eleva a condição da ciência geográfica enquanto constituinte do sentido de existência do homem, pois em sua definição de escrita do mundo (*grafia, geo*) estabelece as bases das *marcas* dos indivíduos e seus agrupamentos, dos mais singelos aos mais complexos, na superfície terrena, ultrapassando a aparência destas formas e chegando a uma infinita gama de sentidos em cada objeto, fenômeno ou acontecimento presente no continuum espaço-temporal:

A constatação da existência imediata do mundo é dada pela consciência dessa primeira Geografia. E é neste sentido que podemos ter a Geografia como categoria da existência. Esta categoria que é constituída por espaço, tempo, relação e movimento, estabelecidos a partir da *enti(dade)* genérica do mundo que é a matéria, e por sua expressão subjetiva, a *Idéia*. A matéria apresenta-se aqui na unidade processual presente entre homem-meio e na relação entre subjetivo/objetivo. Dentro dessa dinâmica entre subjetivo/objetivo o conteúdo geográfico ganhará forma a partir das noções de absoluto e relativo, contínuo e descontínuo. (MARTINS, 2007, p. 40).

O que o autor destaca em seus dizeres é o que já havia sido apresentado por Heidegger (2009) e comentadores da filosofia alemã desta época como Canário (2005), Gmeiner (1998), Guimarães (2010) e Pasqua (1993), na observância do protagonismo espacial, com sua herança kantiana apriorística, na constituição ontológica de diferenciação do ser humano em relação aos outros entes componentes da realidade objetiva que habita.

A riqueza reside, neste ponto, nas dualidades, ou seja, o mundo que é o positivo, estando posto e é necessário a postura e exercício da negatividade – ou negação, como utilizam muitas correntes e teorias da Filosofia –, para que o esquecimento, a alienação e aparência das formas sejam superados para a compreensão de suas essências no continuum espaço-tempo, e presença do ser humano neste processo, especificamente na defesa do espaço e da espacialidade como essência do homem. O argumento de retorno neste caso defendido por Guimarães (2010) é o resgate do fardo regalar da Geografia, em seu posicionamento especial de ter de *cuidar* (como responsabilidade do exercício de negação e compreensão da realidade e de nós mesmos) teórica e metodologicamente da diferença ontológica do *Dasein*, de nós, humanos pelas *grafias* deixadas pelo nosso existir no mundo:

Desta forma é que o empírico do espaço relacional é o espaço-superfície, no qual se realizam os fenômenos, mas com a análise existencial-ontológica sendo sobre o homem, busca-se o entendimento do espaço ontológico, o espaço como existencial da existência humana: o espaço como ser. Surge então a conexão entre parte e todo, entre corpo e superfície, homem e mundo. Este homem como expressão da totalidade e a Totalidade-Mundo como mundo do homem. Ora, se o que nos interessa é a particularidade como homem-corpo e sua existência espacial via dos fenômenos cotidianos, cabe outro entendimento da espacialidade, que não aquela

segundo Descartes que constitui o mundo circundante. Este “mundo” como res extensa que nos vêm dando muitos trabalhos. Este é o “ponto negativo” de apoio à explicação de espacialidade pelo próprio homem como seu mundo: o espaço existencial ou ontológico. Para tal entendimento, da espacialidade, é que se torna premente a relação existencial-ontológica do homem com seus prolongamentos, do homem com seu mundo. E assim é que temos a análise do espaço como ser do homem, pela sua espacialidade prolongada como seu mundo. Sua condição de existência extrapola o corpo, não o abandonando, mas, expressando no mundo sua particularidade, e esta pode ser remetida como sentido de ser humano; extrapolando do seu corpo ao mundo, do todo na parte à parte no todo. Sendo a busca existencial-ontológica da espacialidade humana a base para a explicação do sentido de ser deste homem, é que nosso aparato se faz na ontologia. Principalmente na busca do sentido de ser da presença (Dasein) humana de Heidegger. (GUIMARÃES, 2010, p. 26 - 27).

Assim, o fator ontológico está presente no ser humano, em sua condição de ente privilegiado de *leitura* e comunicação do ser dos entes na totalidade-mundo do Ser, em suas singularidades, particularidades e universalidade. E o espaço de retenção da presença – no sentido ontológico – é que deve ser colocado no patamar de eclosão das iniciativas de busca pelo infinito fenômeno da *grafia* do mundo pelos homens: “Designamos geograficidade à condição espacial da existência do homem e qualquer sociedade. O equivalente do que em filosofia Heidegger designa a mundaneidade do homem.” (MOREIRA, 2004, p. 32), e ainda, no auxílio imensurável de Moreira (2004) nesta seara, encontramos o humano em sua razão, emoção, técnica e essência no limiar da diferença ontológica, em seu lugar de enunciador desta relação: “A geograficidade é a existência em sua expressão espacial. O ponto ôntico-ontológico de tradução do metabolismo homem-meio no metabolismo homem-espaço.” (MOREIRA, 2004, p. 33).

A Totalidade-Mundo (GUIMARÃES, 2010) é, portanto, a expressão espacial do ser do homem em cada particularidade existencial – que supera a geometricidade e ângulos da compreensão de um espaço absoluto e limitado, através da negação de sua aparência e busca pela essência dos fatos e fenômenos do Ser –, expressa neste todo por meio das inúmeras *grafias* do mundo:

Desta forma é que o empírico do espaço relacional é o espaço-superfície, no qual se realizam os fenômenos, mas com a análise existencial-ontológica sendo sobre o homem, busca-se o entendimento do espaço ontológico, o espaço como existencial da existência humana: o espaço como ser. Surge então a conexão entre parte e todo, entre corpo e superfície, homem e mundo. Este homem como expressão da totalidade e a Totalidade-Mundo como mundo do homem. Ora, se o que nos interessa é a particularidade como homem-corpo e sua existência espacial via dos fenômenos cotidianos, cabe outro entendimento da espacialidade, que não aquela segundo Descartes que constitui o mundo circundante. Este “mundo” como res extensa que nos vêm dando muitos trabalhos. Este é o “ponto negativo” de apoio à explicação de espacialidade. (GUIMARÃES, 2010, p. 26).

Esta é a razão de grandes geógrafos brasileiros e de todo o mundo se voltarem para o âmbito do relevo deixado pelas impressões e expressões *geo-grafadas* no mundo como meio de se voltar à essência do ser do homem no espaço-tempo. Os lugares, as paisagens, as regiões e os territórios formam, por assim dizer, os componentes particulares, as conexões proximais e absortas do inefável ontológico do todo. Nesta parte em especial, o homem, que consegue ultrapassar o inanimado ôntico lhe fornece toda influência de status ontológico do seu agir e existir no mundo. Conforme afirma o geógrafo e epistemológico do espaço geográfico Elvio Martins (2007, p. 39) quando apresenta a relação do ser geográfico com a essência do existir: “O nosso existir, e a consciência desse existir enquanto homens, dá-Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser, se na medida em que designamos, conceituamos a realidade que nos cerca, ou seja, nossa alteridade, o meio.” A totalidade, expressa neste caráter múltiplo se apresenta à nós nos seus espasmos ônticos, frisos temporais, recortes espaciais, e inatingível essência (o Ser), pois mesmo na descrição, medição, comparação e explicação de todos estes fatos e fenômenos, o que se faz com e por meio da Geografia e de outros olhares é tocar o dossel de um amálgama inexprimível em seu todo, em cada parcela do real que nos cerca e define:

Na escala do planeta, em seu cotidiano, nem o homogêneo espacial, nem o heterogêneo dinâmico e indeterminado, representam a permanência da particularidade. Esta é um mosaico informe de que só se apreendem os instantes fragmentados do repouso e do movimento, na ainda ilusão da mundialidade do presente. É a sobre determinação da idéia, no projeto e no plano, que procura dar coerência ao mundo fenomênico, a partir do qual são organizados pela mente os pedaços. Não que o real não tenha um sentido apreensível: mas, é uma lógica plural, que o apropria como forma, estrutura, símbolo e movimento, numa composição que, se retém o cotidiano, também o transfigura. (SILVA, 2000, p. 11).

A *Geo-grafia* possui deste modo muito mais o papel reverso do significado semântico de sua definição, buscando alternativas, estratégias e caminhos que possibilitem àqueles que aprendam seus conceitos, teorias e aplicações a *ler* o mundo e suas *marcas gráficas*. Estas múltiplas faces do mundo podem ser compreendidas como os fenômenos que se processam no espaço e que dão a este sua complexidade particular e inerente, como a as relações de poder, as representações simbólicas, a circulação de pessoas e mercadorias, as estratégias geopolíticas de dominação e controle territorial, os processos físicos e químicos de transformação interação entre o homem e o meio, etc.

A *grafia* se define inevitavelmente de uma maneira diversa a depender das ações, as visões de mundo, a história, o tempo e o espaço confluídos na inevitabilidade de conter em sua cisão e fusão a multiplicidade material e imaterial que constituem a complexidade dos indivíduos e sociedades humanas. A consciência como um privilégio do qual se faz uso, ora de forma profunda ora rasa – mas que nos impede de passar despercebido pelos acontecimentos e eventos do mundo, o questionar-se, observar, relatar e inquirir-se sobre o que se vê – afetando as implicações desta consciência em si mesmo, são constituintes do que já foi construído na forma da Ciência e tecnologia, religiões e mitos, ideologias e sistemas de produção, conhecimentos e ignorâncias, etc. No fim das contas aparenta-se sempre sobrar questionamentos e faltar explicações, seja lá qual a origem destas, sempre esbarrando na intangibilidade do todo:

A consciência põe-se, então, como extra-territorialidade. Por absurdo que pareça, há que lutar contra a inércia do pensamento concreto, pois nada é mais abstrato que o concreto, como sensação ou representação, apesar de serem o ponto de partida da materialidade, materialidade que sufoca o sujeito como necessidades impostas pela praxis da ciência e da tecnologia atuais. Mas, não se trata de rejeitar a ciência e a tecnologia, mas de desvendar o significado do novo que elas elaboram sem teleologia, isto é, sem a interiorização supra-sensível que a elitização permite. (SILVA, 2000, p. 14).

Esta exterioridade dita por Silva (2000) são as *marcas* do homem no mundo, as *grafias*, ou como diria Milton Santos (1996) as rugosidades do caminhar humano na totalidade espaço-temporal. Os desdobramentos conceituais da espacialidade (ou geograficidade) dentro do escopo teórico do pensamento geográfico, como diria Lage (2004), são as metamorfoses de apresentação do fenômeno espacial da existência, que se altera na terminologia, mas expressa de igual modo e em mesmo pé de importância a diversidade do fator geográfico na constituição do ser do humano no espaço que este vive, o ser geográfico:

A geografia distingue-se no âmbito do conhecimento humano pelo caráter do seu objeto de estudo – o espaço geográfico. Espaço que se pode analisar em suas várias “metamorfoses”: Paisagem, lugar, região, cidade, campo, entre outras (...) o “fazer geográfico” perpassa por esse entendimento e pela busca de superação dessas dificuldades, criando um “saber geográfico consistente que permita o surgir do “ser geográfico”. (LAGE, 2004, p. 7).

As formas que compõem as paisagens, os lugares e as regiões possuem o algo a mais, ultrapassando a aparência, dando-lhe a funcionalidade, a essência definidora, o núcleo que emana seu sentido, em outras palavras a superfície das *grafias* não se encerram em si, pelo contrário, é a partir do seu entorno e contorno que o exercício de *leitura* geográfica deve se

estabelecer e aprofundar. E, do mesmo modo em cada partícula elementar concreta ou imaterial da totalidade, estão presentes os elementos definidores da sociedade e dos indivíduos que as rodeiam, construíram e conseqüentemente deram significados pretéritos, orientando seus sentidos atuais e futuros.

*Escrever* a marca de sua existência no espaço-tempo não é um ato aleatório ou involuntário, é, portanto, a inerente inteireza do destaque do ser manifestado no humano em sua questão de possuidor de dar sentido ao seu nada<sup>11</sup>, organizando, produzindo, destruindo, resignificando e habitando o espaço: “[...] a geograficidade é em si a síntese da relação entre a essência e a existência e assim a própria totalidade concreta do ser. Daí que a espacialidade diferencial do existente é o próprio modo como se organiza a geograficidade.” (MOREIRA, 2004, p. 34).

Por fim, o mundo que vemos é a *escrita* de diversos mundos, física e psiquicamente, já que até mesmo nas terras que ainda não chegamos projetamos a ação vindoura em sua extensão, vide os lugares remotos da Terra, e a recente e extraordinária exploração astronômica. O limite da crise existencial do ser humano por estar localizado na divisa e união da diferença ontológica é infinito. Quanto mais forem elaboradas ações de transformação do meio, ao mesmo passo e intensidade nos transformaremos em igual medida, fortalecendo as camadas do substrato *grafado* na duração e extensão de uma existência que relega a si o fardo e privilégio de olhar para a retaguarda e posteridade numa tentativa de *ler* e compreender o seu próprio sentido *marcado* no espaço, a expressão do seu ser.

## A LEITURA DO MUNDO

O mundo em sendo um *texto grafado* no e pelo substrato do continuum espaço-tempo é o repouso do Ser, o ser humano em seu ser é o movimento como abertura ao ato de *leitura* desta totalidade *marcada* no cosmos e em nós mesmos. Ironicamente por um capricho histórico das ciências, a terminologia do reverso etimológico do *geo-grafar*, veio a pertencer à Geologia, que em sentido real dos termos é composta pelos verbetes gregos *geo* e *logos*, o mundo e seu saber (logia, como estudo e compreensão de algo). Mas, apesar disto os caminhos destas duas ciências (A Geografia, e a Geologia) se distanciaram em demasia,

---

<sup>11</sup> A referência aqui diz respeito à clássica máxima sartreana do *Ser* e do *Nada*, sendo o segundo o que está para além do indivíduo, o primeiro a essência do oco existencial preenchido pelos sentidos, *escritos*, *lidos*, e multiplicados pelo ente humano em seu posicionamento diferencial na fresta onto-ontológica do cosmos e também do caos (PÁDUA, 2005).

ficando para o geógrafo o duro trabalho de elaborar um arcabouço teórico e metodológico capaz de oferecer formas de correlacionar o humano e natural, o indivíduo e o meio em uma síntese do metabolismo onto-ontológico presente nesta relação, ou seja, nas marcas *gráficas* do existir humano espalhadas no tempo e no espaço, e à Geologia coube um aprofundamento e parcelamento de inumeráveis subáreas dos elementos morfológicos da crosta terrestre, seus aspectos, diferenciações e transformações.

A Geografia é então a possibilidade de abertura para a *leitura* dos diferentes tipos de *grafia* de mundo (visões, ideologia, os *ser-em*, ou modo de ser) dos anos iniciais da formação escolar básica aos grandes centros de pesquisa sobre os fatos e fenômenos do espaço geográfico. Esta dinâmica de interpretação para a compreensão da espacialidade do Ser é que dá a singularidade do saber geográfico enquanto componente do sentido de existência individual e coletivo do ser humano no mundo, assim como afirma Perez (2005):

Do ponto de vista da Geografia, podemos dizer que ler o mundo é ler o espaço, construção social e histórica da ação humana. Como instância da sociedade, o espaço é o objeto da Geografia; disciplina que o analisa, o interpreta e o explica, como resultante da economia, da política e da cultura. Assim, ler o mundo é estudar a sociedade. (PÉREZ, 2005, p. 24).

Esta opinião da autora está presente em seu artigo “Ler o Espaço para Compreender o Mundo: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia” (2005) no qual são discutidos alguns dos principais aspectos desta possibilidade de *leitura* do mundo pelo conhecimento geográfico. De mesma opinião é Helena Callai (2005) quando em seu trabalho “Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental” expressa o seu entendimento sobre a temática:

Consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania. Queremos tratar aqui sobre qual a possibilidade de aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; e escrever, aprendendo a escrever o mundo. Para tanto, buscamos refletir sobre o papel da geografia na escola, em especial no ensino fundamental, no momento do processo de alfabetização. (CALLAI, 2005, p. 228).

Conforme expresse anteriormente, as representações do mundo são o conjunto das visões desta realidade manifestadas individual ou coletivamente. As *leituras* do meio, portanto, é o exercício de se deparar com as nuances dos fatos e fenômenos sociais no espaço geográfico destas representações, de modo a dar um sentido ao meio ao redor, esmiuçando os detalhes de sua organicidade, as contradições presentes nos indivíduos viventes deste

ambiente e a multiplicidade política, econômica e cultural nas diferentes escalas da expressão espacial fática ou fenomênica da totalidade-mundo:

De qualquer maneira, todas as formas de ‘ler’ ou interpretar o mundo são tentativas de se conhecer, compreender, entender e explicar a realidade. Quem conseguir traduzir de maneira mais completa e satisfatória os fenômenos, mais se aproximará da realidade e mais autêntica e verdadeira será esta forma de pensar. Explicar a totalidade do mundo é praticamente impossível, pois demandaria um esforço incomensurável, tal a complexidade e o número exponencial de variáveis envolvidas. Precisaríamos dominar todo o conhecimento, do micro e do macrocosmos e ainda ser capaz de entender e explicar todas as nuances dos fenômenos e a totalidade dos elementos, objetos e fatos da existência. Assim, as diversas formas de ‘visão do mundo’ que procuram interpretar a realidade sempre serão parciais ou provisórias. Com efeito, algumas se aproximam, enquanto outras se afastam da verdadeira realidade, do mundo palpável, concreto e mensurável, dimensional e energético, compartilhado e temporal. (ANTONIO FILHO, 1999, p. 2).

E novamente emerge nesta *leitura* de mundo a necessidade de desenvolvimento da linguagem, neste caso, a linguagem geográfica, i.e. a conexão entre o sujeito e o objeto que permite a ponte comunicativa dos elos objetivos aos subjetivos, o concreto e o simbólico, o material e imaterial,. Para tanto, é imprescindível o conhecimento do plantel teórico, metodológico e analítico da Geografia para a realização da *leitura* das diferentes *grafias* do mundo: “Ler o mundo é apreender a linguagem do mundo, traduzindo-o e apresentando-o: a percepção do espaço e sua representação. Esta capacidade é fruto de um processo de múltiplas operações mentais que se desenvolve a partir da compreensão simbólica do mundo e das relações espaciais topológicas locais.” (PÉREZ, 2005, p. 25).

A comunicação do indivíduo ou sociedade com o seu entorno e consigo próprio é a essência mesma da conexão imensurável de compreensão da ponte entre o sujeito e o objeto<sup>12</sup> na diferença ontológica. Por esta razão quando dizemos que uma pessoa ou grupo está alienado de seu espaço (ou seus derivativos conceituais: paisagem, lugar, região e território) significa se referir à anulação desta ligação, efetuada de diferentes maneiras na contemporaneidade (ARAÚJO, 2013). Por esta razão advém a emergência acadêmica, social e cultural do resgate da capacidade de *leitura* do mundo por meio da utilização do próprio

---

<sup>12</sup> “A grande questão é conseguir dar unidade ao estudo que é feito, buscando compreender-se a ação do homem no processo de construção do espaço. E este não pode ser o espaço abstrato nem amplo, mas deve ser o espaço concreto da vida do homem. O espaço geográfico é um espaço que não é dado naturalmente como um palco onde acontecem os fenômenos. É um espaço que contém características e a ação do homem. Quer dizer, o espaço supõe todos os dados naturais (ao natural ou transformados), os dados humanos, sociais (as relações que acontecem entre os homens, expressas, muitas vezes, de formas diferenciadas) e o resultado destas relações, o produto, materializado no espaço. É um espaço prenhe de relações, carregado de história, que tem uma circunscrição de limites. Ao ser expresso por uma paisagem, é a visualização concreta das relações sociais e da sociedade com a natureza, o qual denominamos espaço geográfico.” (CALLAI, 1995, p. 38).

aparato conceitual do pensar e fazer Geografia: “Desenvolver o olhar espacial, portanto, é construir um método que possa dar conta da de fazer a leitura da vida que estamos vivendo, a partir do que pode ser percebido no espaço construído.” (CALLAI, 2005, p. 238). Em concordância com esta posição de Callai (2005) há o argumento de Kozel (2007) a respeito do mesmo tema:

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” contém para seus moradores e visitantes está ligada, sobretudo ao que se denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação como vetor a partir do qual todo ser humano conhece o mundo que habita. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. (KOZEL, 2007, p. 121).

A questão referente à *leitura* do mundo, e, conseqüentemente do espaço geográfico é ressaltada por autores que trabalham desde o exercício de alfabetização geográfica nos primeiros anos escolares, como é o caso de Callai (2005) e Pérez (2005), até os estudos mais profundos relacionados à busca pela compreensão da realidade objetiva, como ressaltado por Kozel (2007), Antonio Filho (1999); Ribeiro (2006) e Gmeiner (1998). Até mesmo nas orientações oficiais de instrução ao ensino básico há a preocupação com os procedimentos práticos e teóricos a serem utilizados no cerne escolar para que os alunos alcançar um nível de análise do mundo que os circunda:

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos. A observação, descrição, experimentação, analogia e síntese devem ser ensinadas para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e até mesmo representar os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS-GEOGRAFIA, 1997, p 77).

Na mesma toada dos PCNs, é possível encontrar terminologias como *interpretação* e *compreensão*, classificadas como prioritárias no julgamento do Ministério da Educação, no que diz respeito ao Guia de Livros Didáticos de Geografia, presente no Plano Nacional de Livros Didáticos (PNLD) de 2014. De igual modo, a expressão *leitura de mundo* aparecer ao menos 7 vezes de forma explícita como uma das principais habilidades que devem estar presente nas abordagens teóricas e metodológicas do ensino e aprendizagem do sabe

geográfico nas séries finais do ensino básico. Em seu tutorial, este objetivo pedagógico, social e cultural da proposta fica ainda mais claro:

- analisar a realidade, percebendo suas semelhanças, diferenças e desigualdades sociais, e apresentar propostas para sua transformação;
- compreender as interações entre sociedade e natureza, para explicar os processos de produção do espaço e dos territórios;
- compreender o espaço geográfico como resultado de um processo de construção social, e não como uma enumeração de fatos e fenômenos desarticulados;
- utilizar adequadamente os conceitos de paisagem, espaço, território, região e lugar para analisar e refletir sobre a realidade social e ambiental;
- pensar o espaço imediato, articulado a escalas mais amplas;
- utilizar variáveis básicas como distância, localização, semelhanças, diferenças, hierarquias, atividades e sistemas de relações, para identificar e inter-relacionar formas, conteúdos, processos e funções;
- permitir a discussão e a crítica, estimulando atitudes para o exercício da cidadania;
- favorecer a apropriação da linguagem cartográfica para estabelecer correlações e desenvolver as habilidades de representar e interpretar o mundo (PNLD, 2013, p. 10)

Esta preocupação com a *leitura* geográfica ocorre ainda em diversos outros documentos oficiais governamentais, escolares e de guia em pesquisas e estudos dos mais diferentes tipos. O *ler* aqui é utilizado no sentido filosófico enunciado no início do texto, como compreensão do lugar do homem, o seu ser em sendo no sítio, o *Dasein*, ou seja, àquele ao qual cabe o questionamento do próprio existir no mundo e as implicações de tal situação existencial se voltam ao conhecimento e educação geográfica para esta condição ontológica do homem.

Este será o posicionamento dos autores que, nos trazem reflexões a respeito do primeiro grau de importância da *leitura* das representações, *grafias*, e visões de mundo presente na infinidade da confluência entre a extensão e duração da humanidade (ARAÚJO, 2012). Não por coincidência o termo utilizado por Pérez (2005) é *des-velar*, ou seja, retirar a cortina de falseabilidade que cobre os fatos e fenômenos engendrando a *leitura* desta totalidade multifacetada<sup>13</sup>:

Ler o mundo, do ponto vista geográfico, não significa ‘ler o grande livro aberto da natureza’. A leitura do mundo pressupõe o domínio e a manipulação de todo um instrumental conceitual que possibilite o des-velar da realidade; a leitura do mundo implica a compreensão das diferentes formas de espacialidade traduzidas nos diferentes modos de viver em sociedade. (PÉREZ, 2005, p.27).

<sup>13</sup> Este é um dos temas explorados por Gmeiner (1998) em relação a fenomenologia alemã, conforme explorado no primeiro momento deste texto: “Sem a palavra o Ser não é, não deve e não pode ser. Daí a nomeação da palavra como a ‘casa do Ser’. Onde há a palavra, pode revelar-se o Ser.” (GMEINER, 1998, p. 109).

O que estes autores procuram fazer é a conexão entre o formal educativo, como é o caso das normas apresentadas como exemplo, não apenas com o ensino e aprendizagem geográficos, mas no próprio entendimento da extensão e abrangência do ato de *Ler* o mundo. Este é, por exemplo, o argumento de Callai (2005) ao comparar a limitação do geometrismo cartográfico como recurso de compreensão da complexidade da espacialidade do Ser, devendo a Geografia ir além desta racionabilidade, levando em consideração outros elementos como os conflitos ideológicos, as diferenciações econômicas, a diversidade culturais, dentre outros aspectos do espaço geográfico em sua universalidade e particularidades:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes, distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias como os limites que nos são impostos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca de sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. (CALLAI, 2005, p. 228-229).

Por isto tantas quantas forem as possibilidades de haver, encontrar, identificar e *ler* as *marcas* representativas, *grafias* ou visões de mundo, alinhar-se-ão de igual modo os conflitos existenciais, as manifestações simbólicas e os confrontos culturais que permeiam o ser humano sejam individual ou coletivamente. O que se *escreve* sobre o mundo, o *geo-grafar* prevê em si mesmo o ato posterior ao seu engendramento. Por isto é notável o entrecruzamento etimológico decorrente da própria definição da Geografia, pois o que a mesma aspira como forma de conhecimento humano, do espaço habitado, não é o que nele já está *escrito*, mas sim o neste espaço está para ser *lido* e num estágio de maior profundidade, dedicação e esforço cognoscitivo e ativo de seu entendimento na máxima introdução do Ser<sup>14</sup> presente no homem, pelo seu próprio ser, que é o privilégio de conectar ôntica e ontologicamente com a realidade objetiva em sua totalidade:

---

<sup>14</sup> “O fato particular de se constituir para nós o Ser numa palavra vazia e num vapor flutuante, pretende-se enquadrar no fato mais geral, de que muitas palavras, e justamente as essenciais, se acham no mesmo caso ou seja a linguagem simplesmente já está gasta e abusada. Um meio de comunicação indispensável mas sem nobreza, aplicável arbitrariamente, tão indiferente como os transportes públicos, como os bondes, em que qualquer um sobe e desce.” (HEIDEGGER, 1969, p. 76).

A reflexão sobre o espaço e o lugar, que brotou da consideração do ponto onde o quadrante tem seu centro, conduz também o pensamento ao “lugar” do homem, à sua relação mais própria com o espaço e o lugar onde habita e permanece: o espaço é o lugar da “construção”, a espacialização própria que faz com que o *Da-sein* aproxime-se dos entes, considerando-os, ou deles se afaste, ocultando-se e deixando que eles se ocultem, não permitindo seu desvelamento. (GMEINER, 1998, p. 132-133).

Seria demasiado oneroso expor as diversas metodologias e conceituações a respeito das diferentes escolas geográficas, e aos métodos de ensino que se correlacionam entre o ensino a aprendizagem que se expressam e manifestam ao longo das décadas na própria forma de ensinar a Geografia. No entanto, há de se admitir o grau de importância do conhecimento sobre o espaço geográfico, suas formas de *escrita* e a sua *leitura* como senão o principal, um dos mais destacados meios de se chegar a expressão da essência do humano no mundo, o próprio *Dasein*. Esta é a própria natureza da complexidade do Ser em sua totalidade, que é intangível sim, mas não impede que exerçamos a *leitura* de suas partes e a organicidade de suas conexões totalizantes:

Argumentando em favor da importância de trabalhar com a complexidade e sem a fragmentação das especialidades, a análise geográfica permite interpretar aquilo que é resultado da vida que os homens vivem, usando e construindo territórios. Através dela podem-se evidenciar as capacidades de raciocínio interligando conceitos que expressam problemas e questões sociais, culturais e econômicas com aqueles conceitos que são específicos das questões da natureza. O resultado da vida vivida pelos homens se materializa e se concretiza em formas espaciais que são visíveis e que nos cabe observar, interpretar e entender. Através da análise geográfica, trabalhando com os conceitos interligados numa rede conceitual, pode-se entender que os problemas do mundo localizados num ou noutro lugar, tem uma referência que é dada pela complexidade das relações sociais. Este é o propósito da educação geográfica para entender a espacialidade dos processos em que estamos situados. (ANDREIS; CALLAI, 2013, p. 9).

O *Ler* se resume então em um exercício do olhar, num sentido elevado desta ação. Neste caso pode-se lembrar da máxima de Proust no prólogo deste texto, quando este diz que o descobrimento, podendo ser interpretado como *desvelamento*, é o olhar a paisagem para além de sua forma, não apenas olhando a *marca gráfica* da existência humana, mas buscando *ler* o núcleo sógnico presente nesta relação parte-todo ao qual o olhar e pensar geográfico se direciona existencialmente. Esta profundidade da compreensão, ou *leitura* do mundo, pela capacidade cognoscente diferencial do ser humano e a importância e complexidade de tal situação é levantada por Andrei e Callai (2013), de maneira sintética no seguinte argumento: “Compreender o mundo para a Geografia, reafirmamos, significa exercitar o olhar espacial, pois os espaços são cheios de vida, têm em si a complexidade das relações e as marcas de sua

trajetória histórica. São, portanto, espaços plenos de história e que expressam a intensidade das relações entre os homens.” (ANDREIS; CALLAI, 2013, p. 7).

Se voltarmos esta reflexão para o âmbito mais filosófico de inserção desta necessidade de aprendizado para a compreensão do espaço geográfico, pode-se buscar a relação entre a linguagem e o espaço-tempo, pois o que se está em jogo é a oportunidade se possuir os instrumentos necessários para entendimento do que ocorre consigo e com o restante circundante, o olhar geográfico para a espacialidade do ser se desvela em seu intuito a partir desta prescrição do humano como ente privilegiado deste ato: “O ‘ver’ geográfico configura-se principalmente como perceber o espaço em todas as suas formas e relações. Mas o modo de manifestação do espaço é a espacialidade, em seu atributo. Esta, é natural e humana.” (SILVA, 2000, p. 20). Esta é a chave do *desvelamento* do que já foi exposto sobre o *Dasein*, e a ligação deste ser que se manifesta no lugar, por meio da capacidade de comunicação, linguagem, *leitura*, *escrita* e compreensão do ser humano pode e deve ser explorado, não apenas pelo saber e labor geográfico, mas por toda forma e exercício do pensamento sobre o mundo que habitamos e suas múltiplas *grafias* pelo *ser-em* no mundo via múltiplas formas de expressões da linguagem da espacialidade do Ser:

A linguagem confere ao homem o poder sobre as coisas e é dela que provém o caráter de mundaneidade do mundo. Quando nomeia, dá ser àquilo que se apresentava como “meramente presente”. A linguagem tira para a revelação o oculto originário, que permanece anterior a qualquer revelação e que só pode manifestar-se quando o homem dele se apropria pela linguagem. [...] A linguagem é o lugar do encontro e também do desgarramento, da errância, da salvação e do perigo, da angústia e da contemplação. (GMEINER, 1998, p. 136).

Diante do exposto é que Antonio Filho (1998) afirma categoricamente que a partir do verso e reverso desta relação (o emocional e o racional, o objetivo e o subjetivo) emanam-se as virtudes de uma busca, pelo *desvelamento* dos aspectos entrelaçados que se movimentam nestas esferas do material e imaterial<sup>15</sup>, na formação da complexidade do todo mundano, em outras palavras na constituição do próprio sentido de e do ser neste mundo, no almejo de um novo posicionamento diante do mesmo, a partir de sua visualização, *leitura* e compreensão, e consequente ação:

---

<sup>15</sup> “O circundante do mundo em sua mundanidade jamais pode ser compreendido como um entorno físico que supõe uma distância limite, passível de mensuração. Dizer que o mundo circundante é o mais próximo da presença em sua ocupação cotidiana não se refere a espacialidade extensiva, ao fato da presença estar posicionada em meio aos outros entes materiais segundo determinados intervalos. Refere-se ao que lhe vem ao encontro numa ocupação. Diz respeito, portanto, à manualidade do instrumento que se descobre numa conjuntura. O mundo que circunda presença é a rede referencial que a sustém, que configura o seu aí, sua facticidade, e se constitui a partir da sua compreensibilidade.” (CANARIO, 2005, p. 38).

Essa imperiosa necessidade de compreender, conhecer, entender e explicar a realidade leva a razão humana a criar ideias, valores ‘modelos’ e formas de pensar o mundo e as relações ali estabelecidas, originando as ‘visões de mundo’, arcabouço ou base de existência dos indivíduos que compõem um grupo social, unidos por interesses e destino comuns. A filosofia adjacente nessas formas de pensar ou visões de mundo, em geral extrapolam a simples necessidade de compreender, conhecer e explicar a realidade. (ANTONIO FILHO, 1999, p. 1).

Obviamente estas visões de mundo existentes, as *grafias*, podem ser efetuadas dentro de uma arquitetura de interesses específica, como é o caso das ideologias, sejam elas pautadas por fins monetários, políticos ou culturais, pois cabe às representações de mundo conter estas características da presença humana o mundo<sup>16</sup>. Em certo sentido houve até mesmo a adaptação da busca pela *leitura* de mundo como forma de superar estas ideologias no sentido de compreender o estado verdadeiro da natureza das coisas, como foi o caso do marxismo e até mesmo do idealismo alemão em sua visão absoluta da história. No entanto, as correntes, teorias e inclinações teóricas em diferentes ramos do saber buscam cada qual a seu modo e respectiva área, desvendar as nuances que compõem a dificuldade de se chegar a essência das coisas, os entes, do mundo e suas essências, a ontologia que os fundamenta. A relevância e graus de interferência das ideologias tanto nas *grafias* como nas *leituras* destas é objeto de estudos, críticas e análises de muitos autores do pensamento geográfico. No âmbito já destacado do processo de ensino e aprendizagem da Geografia enquanto via de compreensão do mundo, Andreis e Callai (2003) possuem o seguinte posicionamento:

Tendo claro o que se quer com a educação geográfica, e o que pode ser o conteúdo que leva a sua efetivação, surge a necessidade de encontrar as formas de realizar atividades que sejam eficazes ao processo de aprendizagem. E, uma atividade possível que é intrínseca ao trabalho geográfico diz respeito às formas de representar esse mundo. Para tanto existe um instrumental técnico capaz de orientar a observação, a leitura e a sistematização a respeito dos espaços. As sistematizações, por exemplo, na forma de mapas, textos e imagens, nunca são neutras, pois são necessários critérios para fazer a leitura e também a representação. Quem define esses critérios, estes parâmetros e, as técnicas a serem usadas, estabelece também os rumos da interpretação, encaminha de modo subliminar muitas vezes o que se deve observar e como interpretar. Neste sentido a lógica adotada para as escolhas se inscreve no contexto de determinada visão de mundo, de interesses envolvidos e, muitas vezes são definições externas a quem as realiza. Ser capaz de compreender tudo isso nos permite o exercício da crítica, e o desenvolvimento do pensamento autônomo, sem estar atrelado a interesses que sejam externos e monoculturais e que possam alienar os sujeitos. (ANDREIS; CALLAI, 2003, p. 9-10).

---

<sup>16</sup> Sobre o esquecimento do Ser, transposto mais contemporaneamente no conceito de alienação do homem perante o mundo, que deve ser superada por da abertura consciente dos elementos fundantes da dialética onto-ontológica do *Dasein* que enunciamos por meio da linguagem que nos é cara ao longo da estada existencial mundana na extensão e duração.

O que se pode extrair deste posicionamento dos autores é que há, e continuará havendo, inevitavelmente, uma intensa influência de interesses, principalmente no ambiente escolar, que interferem ou até mesmo determinam as vias de facilitação ou de impedimento do apuro no olhar geográfico, na *leitura* do mundo. Elencar toda a complexidade desta problemática do distanciamento entre as teorias, as normas, as reflexões e proposições com a realidade, a ideologia vigente e elementos estruturais seria demasiado extenso.

Neste sentido, existe uma quantidade infindável de reflexões na Geografia sobre os caminhos para se chegar a esta *leitura* da realidade objetiva como, por exemplo, há a corrente crítica e cultural inserida nestas discussões, que buscam questionar o caráter raso do olhar geográfico para o mundo na escola, e, conseqüentemente no impedimento da *leitura* como compreensão deste mundo, anulando assim muitas vezes a própria natureza da essência do homem como ente localizado no limiar da diferença ontológica. Por esta razão Ribeiro (2006) elabora um profundo questionamento sobre este tema:

Homem, Natureza, Totalidade, Espaço: realidades, fenômenos como concreto real projetado como representações que muitas vezes opõem-se à própria manifestação do fenomênico. (Des)Realidades conceituadas. Como abordar esses entes e dimensões relacionalmente e não aritmeticamente (como soma de fatores divididos) e tendo como esteio a ótica geográfica, para que o subjetivo-pensar não se distancie do objeto-pensado? Como garantir que a verdadeira relação descoberta se faça sempre re-contextualizada, não se sacramentando em eternização de uma qualquer fórmula geral idealizada? O método pode auxiliar? Que é ele? O que legitima sua coerência? Como presumir o melhor? A complexidade do real demanda a inevitabilidade de métodos vários? Como poderia a Geografia equipar-se para, em meio à pluralidade de possibilidades, melhor “ler” e “escrever” o espaço? Poderia a Geografia apenas ler, despreocupando-se com o escrever, o geo-grafar? (RIBEIRO, 2006, p. 22).

E, partindo desta inquirição do autor, e com o que foi discutido até este momento sobre as teorias e reflexões sobre a espacialidade do Ser, e o papel do homem como enunciador do ser dos entes por meio da linguagem que lhe é única, é que é possível partir para cercania proximal, a do ensino de Geografia propriamente dita. Deste modo, vem à seara do presente debate as seguintes questões: como poderíamos proceder na concretização dos anseios de reencontro da mediação do humano em seu papel de protagonismo ontológico com o espaço em sua leitura e compreensão? Pensando nestas questões e em outras mais conectadas com a realidade do processo, estrutura e desenvolvimento do ensino e aprendizagem do educação geográfica é que Lana Cavalcanti (2010) elaborara algumas propostas que serão elencadas e comentadas a seguir:

1. *O lugar como referência no tratamento dos conteúdos geográficos*: “[...] não se trata de trabalhar o lugar apenas como uma referência local, mas como uma escala de análise necessária para se compreender os fenômenos que acontecem no mundo, mas ocorrem temporal e territorialmente nesse local.” (CAVALCANTI, 2010, p. 6). Aqui temos a própria reflexão da espacialidade do Ser, na conceituação do *Dasein*, e levando este entendimento do protagonismo espacial na constituição do ser do homem é o primeiro passo para se chegar a uma compreensão do lugar da presença humana na totalidade que o cerca;

2. *A multiescalaridade no tratamento dos fenômenos geográficos no ensino*: “A abordagem multiescalar tem como suporte o entendimento da necessária articulação dialética entre escalas locais e globais na construção de raciocínios espaciais complexos, como se requer hoje para o entendimento da realidade.” (CAVALCANTI, 2010, p. 6). Neste ponto está talvez uma das mais ricas virtudes do saber geográfico, que é sua capacidade e possibilidade se movimentar em temáticas e debates que vão do âmbito corporal e orgânico do indivíduo às implicações universais das ações coletivas no mundo. Também encontramos nesta discussão a natureza unificadora e sintética do saber geográfico desde o seu surgimento e sistematização. A missão e ambição da Geografia como a ciência à qual cabe correlacionar as faces natural e social do mundo, dá como consequência um mosaico temático de amplitude infindável, que, acaba por provocar o efeito inverso, aumentando a subdivisão do saber geográfico em um leque considerável de áreas específicas, que rumam em direção ao intangível do todo em suas múltiplas *grafias* e múltiplas *leituras*;

3. *Formação de conceitos geográficos instrumentalizadores do pensamento espacial* : “O desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação do sujeito com o mundo, generalizando suas experiências, é papel da escola e das aulas de Geografia. [...] Tais conceitos expressam experiências vividas por todas as pessoas no cotidiano, no desenvolvimento de espacialidades, e assim eles devem ser considerados, desde os primeiros anos. (CAVALCANTI, 2010, p. 8). Se se almeja alcançar a *leitura* geográfica em sua potência de compreensão dos fenômenos espaciais é imprescindível que se conheça os conceitos, categorias e demais elementos do aparato metodológico e teórico do pensamento geográfico, para que assim seja feito o exercício de *ler* as *grafias* do homem no mundo;

4. *Desenvolvimento da capacidade de leitura e mapeamento da realidade pela linguagem gráfica e cartográfica*: “A representação gráfica, cartográfica, imagética, como qualquer produção intelectual, científica ou não, é um objeto cultural, não uma verdade absoluta; é uma construção sobre a realidade, que busca expressá-la, que busca aproximar-se dela.” (CAVALCANTI, 2010, p. 9). Assim como é objeto da Geografia ler o mundo com seu olhar, de igual modo será necessário perscrutar as diferentes linguagens pelas quais as marcas *gráficas*, sejam cartograficamente, imagetivamente e nos demais conteúdos espaciais de codificação e descrição dos elementos dos lugares, territórios, paisagens e regiões;

5. *Desenvolvimento da habilidade de lidar com linguagens “alternativas” na análise geográfica*: “Entende-se por linguagens “alternativas” outras formas de linguagem, além da verbal, e outros gêneros de texto, além dos gêneros didáticos tradicionais —o filme de ficção, o documentário, a música, a fotografia, a literatura, o texto jornalístico, o teatro, a charge, a Internet, o jogo virtual, o computador e a Internet.” (CAVALCANTI, 2010, p. 9). Este é um ponto inegável e de certa forma que está além da própria atualização das ciências, e mais especificamente, com o seu ensino no mundo atual, inserindo no escopo das metodologias escolares deste a produção fílmica clássica e contemporânea até a contextualização do que se está em voga para o público alvo das instituições de ensino, os jovens em seu cotidiano. Esta dinâmica ocorre porque a linguagem é o retrato do seu tempo, e obviamente fugir desta realidade é subtrair em sobejo o alcance do olhar geográfico para a temporalidade e geograficidade do mundo do presente, sem negar o passado e projetando o futuro;

6. *Tratamento crítico das temáticas físico-naturais*: “Quando tratam desses conteúdos, ainda o fazem predominantemente com perspectivas naturalistas e não críticas (nas quais a sociedade é vista como impactante do ambiente, como responsável indiferenciada), com a visão romântica de uma natureza externalizada, embora já esteja incorporada a discussão da primeira e segunda naturezas.” (CAVALCANTI, 2010, p. 11) e ainda complementa “Essa abordagem revela uma visão reducionista da questão ambiental, direcionada mais à sensibilização e à busca de transformações das atitudes individuais do que a uma consciência da dimensão social da questão ambiental.” (CAVALCANTI, 2010, p. 11). O que a autora resgata com esta colocação é sem dúvida um ponto de riqueza com o nascimento da Geografia, pois no contexto de seu engendramento o conhecimento geográfico exercia ao máximo a busca pela união, a lei orgânica geral como a quintessência sintética de todos os

fenômenos espaciais. No entanto, com o desenrolar do tempo o saber geográfico distanciou e dicotomizou a si próprio em esferas quase incomunicáveis, como nas esferas de estudos sobre o humano e o natural, muitas vezes analisando o primeiro com uma prolixidade e distanciamento da realidade demasiados, e no segundo anulando a presença e influencia do humano no meio, preservando muitas vezes a visão da natureza como um recurso apartado do *Dasein*;

7. *Abordagem do conceito de ambiente e discussão de ética ambiental*: “A educação ambiental é compreendida como uma prática social e política por meio da qual os indivíduos podem interferir na realidade circundante e transformá-la. Está relacionada com uma mudança de postura da sociedade, de atitudes de cuidado com o ambiente e de respeito mútuo, que implica o respeito à vida em sua diversidade.” (CAVALCANTI, 2010, p. 11). Este ponto se conecta com o anterior, pois, é possível resgatarmos a discussão da diferença ontológica e posicionamento do homem neste íterim. Ora, se houve ao longo dos anos o afastamento profundo da exterioridade (natureza, objeto) com a interioridade (sociedade, sujeito), então é preciso considerar estas esferas como unidas em sua diversidade, pois somente a partir deste momento o entendimento propiciado pela *leitura* das *grafias* do mundo alcançará os níveis de implicação e consequência de cada ato, pensamento e intenção do ser humano consigo próprio e com o mundo que habita;

8. *Abordagem de temas socialmente relevantes*: “Sugere-se uma análise sistemática desses temas, propiciando a divergência e explicitando sua complexidade, para ultrapassar uma abordagem superficial, com viés ideológico, preconceituoso e espetacular.” (CAVALCANTI, 2010, p. 12). Esta é talvez uma das principais características que definem o problema do ensino nas escolas hoje em dia, não apenas da Geografia, mas de todas as áreas do saber. O distanciamento do que se espera encontrar no ambiente de aprendizado como que se vê e vive no dia-a-dia acaba por arruinar, na maior parte das vezes, a viabilidade do esforço em passar instrumentos, informações e demais assuntos pertinentes a uma disciplina, que poderiam ser explorados com um alcance muito maior no cotidiano dos discentes.

9. *Contribuição efetiva à formação da cidadania*: “Formar cidadão nessa circunstância, na diversidade de estilos e desigualdade de condições de vida humana presentes na contemporaneidade, sobretudo em determinados países, como o Brasil, é algo extremamente

complexo e exige do professor atenção ao mundo do aluno em seu cotidiano de sala de aula.” (CAVALCANTI, 2010, p. 12). Este último tópico levantada pela autora está mais próximo de seu alinhamento com a inserção de uma postura crítica na Geografia, e mais especificamente no ensino do conhecimento geográfico. A alienação através de uma ideologia dominante e os meios pelos quais chegar a sua superação é um dos pontos centrais do materialismo histórico e dialético. E num estágio mais avançado da superação deste distanciamento com a realidade, ou seja, a perda ligação do *ser-aí* com o todo, em termos práticos é correlacionado com a (re)conquista do ser cidadão, entendendo, e lendo o mundo a seu redor, para melhor agir, transformar e compreender esta totalidade na qual estamos inseridos, fazemos parte e definimos.

A autora não menciona a questão estrutural precária, a formação docente deficiente, o reconhecimento profissional e social do educador na sociedade brasileira, a desmotivação em relação ao ensino por parte dos alunos, dentre outros aspectos de igual importância a serem relevados como variantes para a análise da educação como um todo. Estes elementos devem ser mencionados, porque, sem levá-los em consideração os aspectos elencados anteriormente perdem a sua força de expressão e aplicabilidade, como é o caso do circuito escolar público brasileiro. Cavalcanti (2010) ainda diz que é possível encontrar professores comprometidos, apesar de todos os apesares, sendo inovadores, variando métodos, procedimentos e linguagens. Esta característica de renovação é necessária em nossa realidade atual, de velocidade de circulação das informações, se torna imprescindível, de modo a respeitar a dinâmica de transformação do mundo, de modo a melhor angariar esforços para sua *leitura* geográfica.

Estas colocações trazidas até este momento a respeito dos instrumentos teórico-conceituais e prático-funcionais da *leitura* do mundo nos remetem à elucubração de Gomes (2006) quando este afirma que o espaço geográfico pode ser interpretado como uma *extensão textual*, ou seja, as *marcas gráficas* nele presente nos oferecem um rol de questionamento a respeito de sua natureza e complexidade que é imprescindível para a compreensão não apenas do espaço e do mundo em si, mas de nós mesmos enquanto seres capazes de efetuar tamanha façanha cognoscitiva. Capacidade esta possibilitada a partir do momento em que a linguagem geográfica é apreendida e transformada em compreensão da totalidade-mundo em sua intangibilidade, trazendo para o âmbito proximal de compreensão o alcance aclarador dos recortes relacionais universal-particular-singular deste *texto geo-gráfico*: “A análise

geográfica deve examinar o espaço como um texto, onde formas são portadoras de significado e sentidos. Há, por assim dizer, uma ‘escrita’ nesta distribuição das coisas no espaço. Em outros termos, o arranjo espacial das coisas é uma linguagem.” (GOMES, 2006, p. 38).

Todas estas considerações nos auxiliam a compreender a real situação dos portadores da responsabilidade de ensinar a *grafia* e a *leitura* do Ser em sua totalidade i. e. ao mesmo tempo criando e contemplando, transformando e compreendendo o próprio fosso de ligação entre o sujeito e a sociedade consigo mesmo e com o mundo. Reincidentemente é delegado aos educadores de Geografia uma tarefa que o frustra, na maior parte das vezes, devido à complexidade que é fornecer as condições reais e objetivas para o caminho de entendimento da totalidade inatingível pela sua expressão espacial. Não deve haver assim uma diferenciação do lugar onde há a busca pela *leitura* das *grafias* do mundo, a escola, a casa, a cidade, o relevo, os conflitos políticos e as intenções técnicas de ação devem fazer parte de uma única linguagem, àquela concernente à espacialidade da existência em sua indivisibilidade onto-ontológica.

## **O DÍNAMO DE UM ESPAÇO UNO E MÚLTIPLO**

Neste texto foi necessária a utilização de uma linguagem cara à Filosofia, e em especial àquela mais estudada na ala alemã contemporânea. No entanto, o objetivo principal aclara-se a partir da entrada do seu segundo ato, com a passagem da apresentação dos principais conceitos e posicionamentos que embasam a discussão proposta sobre a diferença ontológica, e mais especificamente do exercício existencial de explanação das *marcas gráficas* no mundo.

Por fim, a *leitura* é o ápice a ser alcançado pelo olhar geográfico, utilizando para tanto as inúmeras linguagens para se chegar à compreensão da realidade. O fardo e dádiva da capacidade de questionamento da natureza do mundo e de si próprio, como elemento ôntico especial, faz do ser humano o elo caprichosamente localizado no núcleo da diferença ontológica. As *marcas* da existência na espacialidade do ser pelas múltiplas geograficidades dá à Geografia um protagonismo incalculável neste ínterim, por poder, a partir de seus métodos e metodologias, decifrar estas *grafias* para superar suas formas e contornos, explicitando e explanando os seus núcleos e essências. O sujeito e o objeto e a sociedade e natureza, são assim uma única entidade, que por decisões equivocadas foram distanciados,

estranhados e esquecidos entre si, sendo que pelo contrário compõem uma e a mesma coisa, tanto aquele que pensa, *grafa* e *lê* com o que é pensado, *grafado* e *lido*.

## REFERÊNCIAS

ANDREIS, Adriana Maria; CALLAI, Helena Copetti . O mundo nas mãos-as mãos no mundo: a Geografia na Educação Básica. *Revista Geográfica de Valparaíso*, v. 47, p. 03-12, 2013.

ANTONIO FILHO, Fadel David. *As 'visões de mundo': formas de pensar a realidade*. Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. UNESP, Rio Claro/SP, 1999.

ARAUJO, Gilvan Charles Cerqueira de. A presença de uma premissa categorial: a espacialidade nos conceitos-chave do pensamento geográfico. In: *Geoingá Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia UEM*, v. 5, p. 3-26, 2013.

\_\_\_\_\_; REIS, Jr, Dante Flávio da Costa. As Representações Simbólicas: A Pulsão Imagética e Sígnica na Produção dos Sentidos no Espaço. In: *Observatorium*, v. 3, p. 93-106, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. *Geografia: um certo espaço, uma certa aprendizagem*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: *Cadernos do CEDES*, Campinas-SP, v. 25, n.66, p. 227-247, 2005.

CANARIO, Lilian Pereira. O lugar do espaço em Ser e tempo. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2005.

CASTELLAR, Sonia. *Educação Geográfica: A psicogenética e o conhecimento escolar*. Cad. Cedes, Campinas vol. 25 n.66 pg. 209-225 maio/agosto 2005.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: *I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO Perspectivas Atuais*, 2010, Belo Horizonte. Anais do I Seminário nacional : Currículo em Movimento: perspectivas atuais, 2010. p. 1-15.

DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GMEINER, Conceição Neves. *Morada do Ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger*. Santos: Leopoldianum, 1998.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia fin-de-siècle: O discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: GOMES; P. C. C; CORRÊA, L. (Org.) *Explorações Geográficas: percursos no fim do Século*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. (p. 14-42).

GUIMARÃES, Humberto Goulart . O espaço existencial em xeque: uma odisséia par o espaço ontológico na geografia. *Ra'e ga* (UFPR), v. 19, p. 19-34, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 3ª Ed. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. (Coleção Pensamento Humano).

\_\_\_\_\_, *Introdução à metafísica* (1935). Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HUMBOLDT, Alexander von. *Quadros da Natureza*. Trad. Assis de Carvalho, Editores W. W. Jackson INC: Rio de Janeiro, São Paulo/Porto Alegre, 1952.

\_\_\_\_\_, A. Introduction. In: *Cosmos: essai d'une description physique du monde*. Trad. Par H. Faye. Paris: Gide Et J. Baudry, Éditeurs, 1856. (p. 1- 27).

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 3ª Ed. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

KOZEL, Salette. Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas in: KOZEL S. et al (org): *Da percepção e cognição à representação*. São Paulo. Terceira Margem, 2007. p.114-138.

LAGE, Creuza Santos. Prefácio. In: SANTOS, Jémison Mattos dos. Et al. (Org). *Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas*. Salvador, 2004.

MARTINS, Elvio Rodrigues. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. In: *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 21, pp. 33 - 51, 2007.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. *Revista GEOgraphia*. Niterói: PPGeo/UFF, 2004, ano VI, n. 11.

PÁDUA, Lígia Teresa Saramago. *A Topologia Do Ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. Tese de Doutorado de Filosofia. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *História, Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PASQUA, Hervé. *Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Ler o espaço para Compreender o Mundo: a função alfabetizadora da geografia. In: *Revista Tamoios* (Impresso), v. 2, p. 17-24, 2005

PNLD 2014. *Guia de livros didáticos: geografia - ensino fundamental : anos finais*. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.

RIBEIRO, Júlio Cezar. *A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico*. Niterói: UFF, 2006 (Tese de Doutorado em Geografia Humana).

SANTOS, Mário Ferreira. *Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e a Ciência do Cosmos)* - Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais, vol. V. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1957.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SILVA, Armando Corrêa da. A Aparência, o Ser e a Forma - Geografia e Método. In: *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, Vol. 2, No 3, 2000.

STRAFORINI, Rafael. A totalidade Mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. In: *Terra Livre*, São Paulo, v. 1, n.18, p. 95-114, 2002.